

**ENTRE O RIO E O MAR: alternâncias,
rememorações e criações
curriculares**

**BETWEEN THE RIVER AND THE SEA:
alternancies, remembrances and
curriculum creations**

**ENTRE EL RÍO Y EL MAR:
alternancias, recuerdos y creaciones
curriculares**

Resumo: Este artigo, a partir da ideia de personagem conceitual (DELEUZE), o outro necessário às criações, toma como pano de fundo um documentário sobre o rio Paraíba do Sul para tecer conversas acerca de questões artísticas, ecológicas e curriculares. Discute o uso e a potência (CERTEAU) do cinema para a educação, em sessões que se denominam cineconversas, ou seja, ‘espaçostempos’ de ‘verouvirsentirpensar’ filmes como fundamentação para trocas férteis e muitas vezes inusitadas. A proposta é, tendo como ponto de partida as redes educativas (ALVES) que formamos e em que somos formados, criar outras redes que nos permitam pensar em como questões sociais podem se transformar em questões curriculares. O texto, além de usar o filme para pensar questões curriculares, apresenta uma experiência formativa desenvolvida por uma das autoras com estudantes no âmbito curricular da educação do campo.

Palavras-chave: Currículo. Redes educativas. Educação do campo.

Recebido em: 12/09/2021

Alterações recebidas em: 10/11/2021

Aceito em: 06/12/2021

Publicação em: 30/12/2021



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v14iEspecial.60711

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Juliana Rodrigues

Mestra em Educação

Professora da Rede Particular de Ensino
no Município do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: juliana_rodrigs@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6929-7939>

Rosa Helena Mendonça

Doutora em Educação

Pesquisadora no Laboratório de Educação
e Imagem da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: rhmen50@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4778-3551>

Rossana Papini

Doutora em Educação

Professora do Instituto do Noroeste
Fluminense de Educação Superior /
Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: rmpapini2009@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4680-9070>

Como citar este artigo:

RODRIGUES, J.; MENDONÇA, R. H.; PAPINI, R. ENTRE O RIO E O MAR: alternâncias, rememorações e criações curriculares. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. Especial, p. 1-10, Ano.2021 ISSN1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v14iEspecial.60711>.

Abstract: This article, based on the idea of conceptual character (DELEUZE), the other necessary for creations, takes as its background a documentary about the Paraíba do Sul river to weave conversations about artistic, ecological and curricular issues. It discusses the use and potency (CERTEAU) of cinema for education, in sessions called cineconversations, that is, 'spacetimes' of 'seeing, listening, feeling, and thinking' of films as a basis for fertile and often unusual exchanges. The proposal is to show that, having as a starting point the educational networks (ALVES) that we form and in which we are formed, create others that allow us to think about how social issues can become curricular issues. The text, in addition to using the film to think about curricular issues, presents a formative experience developed by one of the authors with students in the curriculum of rural education.

Keywords: Curriculum. Educational networks. Rural education.

Resumen: Este artículo, basado en la idea de carácter conceptual (DELEUZE), la otra necesaria para las creaciones, toma como trasfondo un documental sobre el río Paraíba do Sul para tejer conversaciones sobre temas artísticos, ecológicos y curriculares. Se discute el uso y la potencia (CERTEAU) del cine para la educación, en sesiones denominadas cineconversiones, es decir, 'espacio-tiempo' de 'ver y sentir, pensar' en películas como base para intercambios fértiles y a menudo inusuales. La propuesta es mostrar que, teniendo como punto de partida las redes educativas (ALVES) que formamos y en las que nos formamos, generamos otras que nos permitan pensar cómo los temas sociales pueden convertirse en temas curriculares. El texto, además de utilizar la película para reflexionar sobre temas curriculares, presenta una experiencia formativa desarrollada por uno de los autores con estudiantes en el campo de la educación en el campo.

Palavras chave: Currículo escolar. Redes educativas. Educação rural.

1 INTRODUÇÃO: águas que inspiram e carregam nas correntezas

*A memória é uma ilha de edição
(Wally Salomão)*

A frase em epígrafe, atribuída ao multiartista Wally Salomão, traduz, de certa forma, o que trazemos à tona e o que dispensamos na escrita de um artigo, de um livro, num relato de vida, num filme, enfim, numa produção qualquer. A memória é, então, seletiva e não há neutralidade naquilo que evocamos com propósitos determinados. Sendo assim a memória é também criação.

Como nasce um texto? É comum se dizer que editar um texto é como um parto. Por que essa analogia? Um parto é um acontecimento em que o 'sofrimento' se transforma de um instante para outro em alívio e alegria, essa é uma explicação possível. Na verdade, a comparação pode resultar também da etimologia da palavra de origem latina editare: e (para fora + dare (dar, entregar). Assim, editar é dar à luz, fazer nascer uma obra que pode ser verbal ou visual, sensorial ou ainda audiovisual. E, o mais curioso dessa ideia é que uma criação pode gerar outras, num processo sem fim...

A partir da noção de personagem conceitual (DELEUZE, 1992), entendemos esses outros como aqueles que nos possibilitam criar, os intercessores, que podem ser entes diversos como uma imagem, um texto, uma pintura, um filme, além de outras pessoas com as quais conversamos e vamos puxando fios e tecendo ideias.

Para Deleuze,

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE, 1992, p.

156).

Continuando, agora com Deleuze e Guattari,

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os "heterônimos" do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares (DELEUZE e GUATTARI, 1992b, p. 85/86).

Assim como Alves ressalta em seus textos, a citação abaixo nos lembra que,

(...) chamar em minha [nossa] ajuda imagens e narrativas que veem funcionando nas pesquisas com os cotidianos (...), como "personagens conceituais" (DELEUZE e GATTARI, 1992), elementos indispensáveis que contribuem à organização do pensamento nessas pesquisas. Entender imagens e narrativas como personagens conceituais significa compreendê-las como o 'outro' nas discussões que precisamos ter com conhecimentos e significações presentes nos processos de pesquisa, para ir entendendo o que vai surgindo nesses com a ajuda daqueles com quem estamos pesquisando – dos membros da equipe aos *praticantespensantes* das escolas ou de todas as outras redes educativas pesquisadas. Assim, é com imagens e narrativas que vamos formando ideias e pensamentos que nos permitem responder às perguntas que colocamos (ALVES, 2012, p. 27).

É dessa forma, então, por meio de imagens e sons no cinema e de todas as redes que eles nos levam a tecer, entendidas como personagens conceituais, que chegamos às ideias expressas neste artigo.

Foi assim com este texto em que, a partir de um documentário, em um processo que denominamos cineconversas e que consiste em ver, ouvir, sentir e pensar de forma indissociável ('verouvirsentirpensar') um filme, nós fomos trocando impressões, memorando fatos, levantando aspectos a serem problematizados. Assim, nas redes educativas que formamos e que nos formam, fomos encontrando aspectos comuns e singulares, sempre pensando em transformar questões sociais, ecológicas, artísticas, em questões curriculares.

As cineconversas constituem uma metodologia em que, após o visionamento de filmes, criamos uma ambiência para que as conversas emergem no grupo. O uso do cinema nessas sessões traz em si o sentido que Certeau (1992, p.93) empresta ao termo, ao diferenciá-lo de consumo e, ao se perguntar o que o consumidor "*fabrica*" com as imagens que consome e que uso faz delas, já que não há espectador passivo. Isso nos leva a pensar num uso não simplesmente utilitário, imediatista, um consumo irresponsável. Assim, o interesse pelos filmes para nossas pesquisas vai além da temática abordada ou dos recursos cinematográficos dos mesmos. E o que nos interessa, então? O que faz sentido para nós são as redes que criamos a partir do que '*vemosouvimosentimospensamos*'. Que associações nós podemos criar entre os filmes e as nossas diversas redes? Como as questões sociais abordadas podem se transformar em questões curriculares? No caso dos documentários, cabe sempre lembrar que eles não representam a verdade, mas que trazem, com as informações apresentadas, pontos de vista que podem contribuir para o entendimento de algumas questões importantes socialmente. Foi assim com o documentário que escolhemos para as conversas das autoras, para um debate com estudantes e para a criação deste artigo. O cinema não reproduz a realidade, ele cria realidades e por meio das soluções artísticas nos leva a entrar num jogo em que 'realidade' e 'ficção' têm suas fronteiras esgarçadas, mesmo, repetimos, no caso dos documentários.

Para nosso êxtase, com uma fotografia de tirar o fôlego, o documentário 'Caminho do Mar', direção de Bebeto Abrantes (2017), em suas primeiras cenas, revela uma deslumbrante paisagem, sem

falas, mas com uma grande potência das imagens e dos sons ambientes, como a perfeita união de uma dança, em que o par se completa e ao mesmo tempo dá espaço para que o outro seja contemplado e vislumbrado pela sua docilidade, vigor e seu entrosamento na dança. O rio Paraíba do Sul, protagonista do filme, ganha destaque, por toda vida que brota da união de várias nascentes que sozinhas são pequenas, mas que juntas mostram a força que as águas possuem e suas várias histórias, nem todas belas.

Figura 1 – Rio Paraíba do Sul



Fonte: Retirado do Filme Caminho do Mar

Além disso, o cinema tem a capacidade de aguçar os nossos sentidos, com fotografias, sons, pausas, silêncios, narração e outros aspectos registrados, e que são extremamente importantes tanto para compor a obra, como também para as nossas tessituras. Vamos compreendendo aquilo que vemos e ouvimos, pois percebemos, talvez sendo envolvidos pelo clima do filme, que além das imagens, o mundo dos sons, da trilha sonora, também faz sentido para nós.

Pense nos elementos que compõem o áudio de um filme, leitor: os diálogos dos personagens na cena, os sons reais de portas se abrindo ou de passos numa escada, efeitos sonoros que situem o que está sendo visto na tela como a chuva e a trovoadas, mas também um mundo de ambientação sonora, o “soundesign” em sintonia com a trilha sonora. A alternância do que é mais importante para a narrativa sob o ponto de vista auditivo, varia a cada sequência do filme e está muito longe de ficar sob o controle absoluto do compositor (MOURA, 2017, p.16).

‘Caminho do Mar’ apresenta toda a beleza e a importância que as águas do rio Paraíba do Sul representam para milhões de pessoas. São 184 municípios, entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, banhados pelas águas do Paraíba, como é intimamente denominado pelos habitantes de suas margens. Mas tanta intimidade nem sempre resulta em cuidado. Nem tudo é belo e encantador como deveria ou poderia ser. O documentário mostra também a degradação do rio pela ação humana, evidenciando todo o desrespeito, a violência que o modelo econômico de utilização das águas e de seu entorno fez no passado e que continua fazendo, a falta de fiscalização, de orçamento público na preservação, ausência de uma política pública que deveria ser educacional, no sentido de envolver a comunidade na defesa do meio ambiente, marcado pela utilização irresponsável das águas que geram a vida. O desequilíbrio ambiental, decorrente de muitas dessas ações vem sendo notado de modo galopante. São efluentes industriais, barragens, desmatamento e outros problemas que vêm interferindo não só na qualidade da água, mas na preservação da flora e fauna da região, em especial de seus peixes característicos, como a piabanha e o surubim, entre outros. Em seu caminho, da nascente na serra da Bocaina, em Areias (SP) à foz em Atafofona, em São João da Barra (RJ), onde deságua no Atlântico o rio vive e também agoniza.

Interessante atentarmos para o título do documentário, inspirado em um poema de João Cabral de Melo Neto.

(...) sempre pensara em ir
 Caminho do mar
 Para os bichos e os rios.
 Nascer já é caminhar.

Quando pensamos na palavra caminho, pensamos em sentido de continuidade, movimento, nada estático, parado ou limitado. Caminho gera caminhos, ou seja, possibilidades diversas que vão sendo tecidas pela vida, escolhas, medos, e tantos outros sentimentos. Assim, também se dão os cotidianos que vão sendo criados a todo o momento, que nos impulsionam a novos caminhos e táticas¹ (CERTEAU, 2012).

Para Certeau,

A tática é movimento “dentro do campo da visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe. Lance por lance. (...) Em suma, ela é a arte do fraco (2012, p. 100-101).

E fraco para o autor, nesse sentido, não é sinônimo de débil, franzino, mas, ao contrário, é o astuto, o que cria maneiras de resistir e criar saídas pelo vigor, pela tenacidade, pela união, pela arte...

O filme, nesse sentido, ao criar táticas de denunciar e também de propor, trouxe memórias diversas às autoras: uma delas se lembrou da infância, no sul fluminense, onde ia passar as férias escolares com a família paterna nos municípios de Volta Redonda, Barra Mansa e Resende, todos às margens do Paraíba do Sul, região do chamado Vale do Paraíba. Outra memorou as Festas da Padroeira do Brasil, na cidade de Aparecida do Norte, no estado de São Paulo. E a terceira, relatou experiências no noroeste fluminense, em Santo Antônio de Pádua e Itaocara, locais que foram palco de um evento com a apresentação do documentário para estudantes, professores e comunidade em geral, seguido de debates e de outras atividades correlacionadas. Do êxtase ao desencanto conversamos sobre a beleza e a destruição da natureza, e sobre como é importante esse debate e outros semelhantes nas escolas. Para além dos textos escritos, um filme que de certa forma também se baseia na literatura, nas pesquisas, tem a capacidade de em pouco tempo revelar tantos aspectos de ‘*temposespaços*’, usando múltiplas linguagens.

1.1 Caminhos que inspiram e alertam

Depois que eu passei a entender que a liberdade de ir e vir ela é importante, eu sou contra a barragem, no país como o nosso, que tem um sol como o nosso, nós não precisamos fazer barragem, porque a barragem ela tira a liberdade das espécies de ir e vir.

Silvio de Alcantara – Areeiro artesanal

A epígrafe escolhida aqui é a fala de uma das tantas pessoas que sobrevivem do rio e que trazem em seu cotidiano as alegrias e os medos de perder as águas que tanto influenciam as histórias de vida. A fala de Silvio é carregada de lembranças e de sentidos. A liberdade que o areeiro nos diz, está ameaçada e ele sabe disso, a fala repleta de força também traz preocupações de não tê-las mais no seu cotidiano,

¹ A ideia de “táticas” está associada à ideia de “estratégias”, em Certeau. Oliveira as destaca da seguinte forma: “estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugares e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais (...). As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc.” (CERTEAU, 1994, p. 102 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 59).

em sua sobrevivência.

Ambientalistas e poetas alertam para a destruição irresponsável das águas no planeta, que já sofre uma crise hídrica de grandes proporções.

Prendei o rio
 Maltratai o rio
 Trucidai o rio
 A água não morre
 A água que é feita
 de gotas inermes
 Que um dia serão
 Maiores que o rio
 Grandes como o oceano
 Fortes como os gelos
 Os gelos polares
 Que tudo arrebatam.

(Trucidaram o rio – Manuel Bandeira, 1970)

Como é possível o poder público e as grandes empresas tratarem de forma tão irresponsável e perversa algo que só traz benefícios para todos? Ou, mais grave, tratar assim as águas que são imprescindíveis para a vida. As atitudes com as bacias hidrográficas e seus afluentes já se tornaram problemas crônicos que só se ampliam com o descaso governamental e da iniciativa privada, efeito de ações que refletem a ganância do capital, o imediatismo do modelo econômico vigente.

Andar e andar e andar junto com universo cinematográfico é o caminho que estamos percorrendo. Vivenciando, nas pesquisas com os cotidianos, reflexões e ações que nos possibilitam vislumbrar múltiplas histórias, que geralmente são a melhor forma de iniciar um novo passo. Com isso, nos debruçarmos nessas práticas é evidenciar essas redes de possibilidades, as combinações de operações que muitas vezes não damos atenção, ou seja, como Certeau (2012) mesmo nos alerta, nas criações das ‘táticas’ que se embarçam nos cotidianos. Importante salientar que “o cotidiano se inventa mil maneiras de caça não autorizada” corroborando as diversas criações que são feitas constantemente, no dia-a-dia, sem repararmos.

de um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente. Este trabalho tem, portanto, por objetivo, explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma —cultural e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada. (CERTEAU, 2012 p. 38).

Interessante é recordar que todos nós temos um universo inteiro para desbravarmos em nós mesmos, pois assim, como diz Certeau (2012, p.38), se essa pluralidade que vivenciamos se torna difícil individualmente, imaginem o coletivo dessas pluralidades. O cotidiano tem essa beleza de reunir

diversas pluralidades e assim como uma música ou como os afluentes de um rio, temos a oportunidade, respeitando as diferenças, de criarmos diferentes melodias, canções, repertórios e de mantermos rios vivos, saudáveis.

O complemento de caminho no nome do documentário “do mar” nos traz um sentido de profundidade e imensidão. Esse sentimento passa pela crença, manifestada pelos fogos do dia da Nossa Senhora Aparecida e pelos cânticos, os jongsos, os atabaques, no eterno curso dos rios para o mar. Onde as águas estão, banham as religiosidades, trazendo paz e descanso para os corações.

Figura 2 – Festa de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Retirado do Filme Caminho do Mar

Na memória da veneração mariana no Brasil encontramos essa história tecida por fé, admiração, esperança, exageros, interesses, sincretismo, chagas, rivalidades, parcerias, sonhos e outros sentimentos que poderíamos descrever. Ou seja, são muitos os ‘praticantespensantes’ envolvidos nessas redes, seus enredos e desejos. Contudo é uma história humanizada através do ideal divino da Mãe, da Compadecida, que permeia o ambiente cultural brasileiro dando a essa divindade/entidade várias formas.

Figura 3 – Dança do Jongos



Fonte: Retirado do Filme Caminho do Mar

O documentário mostra a devoção e a fé que une diversos fiéis em torno do jongo, do atabaque, inclusive recebendo oferendas. Interessante ver como o sincretismo, apesar de questões que precisam ser discutidas, pode nos unir. No catolicismo Maria, para o Candomblé, Umbanda e outras religiões de matriz africana, Iemanjá, Oxum... O que nos une é o mesmo sentimento maternal de proteção.

Com essas águas podemos salientar a importância de ampliar o diálogo inter-religioso e o respeito entre todos. Vivemos em um país com forte histórico de migrações, por isso, de grande diversidade religiosa. Contudo, registramos inúmeras histórias de perseguições de cunho religioso, muitas vezes, atreladas a questões raciais, étnicas e de classe. A garantia legal de que intolerância religiosa é crime pode ser o ponto de partida para a abertura ao diálogo. Afinal esse é o caminho: o diálogo, assim, como

o caminho do rio é para o mar.

Os rios evocam vida em suas margens e é assim em muitas culturas e regiões. É ao longo do curso das águas que a vida transcorre, em subsistência, trabalho, em manifestações culturais e artísticas, sociabilidades. É perto das águas que a agricultura e também as manufaturas e as indústrias florescem. E aí, muitas vezes, reside o perigo do uso inescrupuloso das águas. E qual é o papel da educação nisso tudo?

2 AS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS E CAIÇARAS EM SUA DIVERSIDADE, A EDUCAÇÃO DO CAMPO, A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.

Naquele junho de 2019, agora parecendo longínquo, após a grave crise pandêmica da Covid 19, o auditório do INFES/UFF², sediava um importante evento regional. A exibição do filme “Caminho do Mar”, premiado documentário, com a chamada em seu cartaz de divulgação que destacava a chamada para “o filme do Rio Paraíba do Sul”, seguido de debates. Os produtores do filme estiveram presentes, enriquecendo o encontro e as conversas com detalhes sobre pesquisas feitas e aventuras da filmagem por um longo percurso de mais de 1.000 km, atravessando municípios banhados pelo rio.

Estavam naquela época a fazer a divulgação e a devolutiva, agradecendo ao povo que os ajudara, procurando socializar a película. Soubemos lá, por alunos, que, em Itaocara, também no noroeste fluminense, teria havido projeção numa praça com ampla participação do público, pois em muitas destas pequenas cidades não há cinemas, infelizmente.

Este vídeo foi impactante sob muitos aspectos, cabendo aqui destacar apenas alguns, suscitando memórias, neste caso, memórias de professores, dado os limites do texto.

No Instituto, em Santo Antônio de Pádua, entre outros cursos, há a Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo. Este curso de graduação, criado durante a década em curso, tem como parte constitutiva a Pedagogia da Alternância, vital para seus processos pedagógicos. Nesta Pedagogia se alternam o Tempo Escola (e/ou Universidade), organizado como tempo propriamente institucional e outro denominado Tempo Comunidade, onde se propiciam vivências de ensino, pesquisa e extensão em outros territórios.

A Pedagogia da Alternância possui potência criadora, capaz de trazer novas questões e ambiências escolares, dinamizando projetos pedagógicos e experimentações curriculares que têm a contribuir com outros universos educacionais, pois esta atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio sócio profissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação neste contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (TEIXEIRA; BERNARTT; TRINDADE; 2008, p. 227).

E foi através dela, da alternância, da sua dinâmica, que se fez possível uma ‘imersão’ em variados projetos da região, tendo como propósito a formação de professores para áreas rurais, como está preconizado nos marcos normativos (Brasil, 2012) para a Educação do Campo. Entre outras ações, visitamos alguns projetos relacionados às novas ruralidades contemporâneas³ (Carneiro, 2012), nos

² Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, campus interiorizado da Universidade Federal Fluminense em Santo Antônio de Pádua/RJ.

³ Segundo a autora, Maria José Carneiro (2012), pesquisadora com acúmulo numa área interdisciplinar ligada aos estudos agrários, seria necessário repensar as polarizações/significações que temos de “urbano” e “rural”. John Comerford, que assina a apresentação de seu livro afirma que “a autora vai desmontando a possibilidade de definições analíticas unívocas e polaridades fixas e definitivas” (p.11). Pois, em “diferentes locais, deparamo-nos não com comunidades pacatas e tradicionais, voltadas fundamentalmente para a agricultura, mas com o movimentado encontro entre famílias que vivem ali há gerações e hoje combinam diversas modalidades de agricultura com outras atividades não agrícolas, gente de origem nitidamente urbana e de classe média em busca

avizinando de novas formas de viver e pensar o rural em seus múltiplos contextos, fugindo um pouco de uma idealização do campo, forte em nossos imaginários.

Visando referendar nossa narrativa, fomos trazer memórias (FONSECA, 1997) de professores, de algumas ações educativas umbilicalmente relacionadas ao Rio Paraíba do Sul. Vamos a elas.

Assim, destacamos, brevemente, algumas visitas guiadas feitas a projetos sediados às margens do Rio Paraíba do Sul, levadas a termo por alguns docentes e vários alunos, em Itaocara, onde o Rio Pomba, importante afluente se encontra com o caudaloso Paraíba, criando uma imensidade de ilhas fluviais em cenários de rara beleza da vida selvagem. Lá em experiências enriquecedoras possibilitadas pelos projetos do chamado Campo Semente e Projeto Piabanha, donos de uma longa trajetória na região, nos inserimos em outros universos, envolvendo diversos parceiros locais, pessoas e grupos da sociedade civil organizada, como associações de agricultores, de pescadores diversos, de amigos do Rio Paraíba, e outras instituições, como a PESAGRO (Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro) e a UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense). Propiciando uma boa e organizada acolhida, com ações educativas de fundo, fruto de anos recebendo professores e alunos nas suas ilhas, tais projetos foram enriquecedores.

O projeto da UENF, com suas atividades botânicas de estudos e melhoramento de mudas/sementes para a agricultura de diversas espécies, como milho, goiabas (para a fruticultura fluminense), nos recebeu naquele ano de 2018 com entusiasmo e, numa longa caminhada, percorremos a ilha e suas plantações experimentais, ouvindo narrativas sobre os processos/formas de manejo e dos pequenos incidentes cotidianos, como a vinda de pacas e capivaras, comuns por ali, atraídas pela fartura do lugar.

Destacamos que lá (e também em pesquisas na internet⁴), ao visitarmos a Ilha Barra do Pomba, soubemos que a mesma está localizada no Centro Estadual de Pesquisa e Desenvolvimento da Pecuária Leiteira, da Pesagro-Rio, em Itaocara, que vem elaborando experimentos com sementes possivelmente adaptáveis às Regiões Norte e Noroeste do estado. Lá, parte do Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias (CCTA), da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), busca aprimorar a adaptação de sementes às condições regionais, visando proporcionar uma produção mais orgânica e rentável para os agricultores locais.

Da mesma maneira, fomos informados que tais iniciativas foram contempladas em edital de Apoio à Pesquisa Agropecuária no Estado do Rio de Janeiro, da FAPERJ (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), relacionado à produção de milho comum e milho pipoca. Outras espécies, como maracujá e goiaba, já estavam sendo preparadas para entrar no programa de melhoramento e, para o futuro, há estudos para ampliar as pesquisas de modo a incluir a produção de sementes de feijão e abóbora, entre outras.

O outro projeto, o Piabanha, enraizado na região, com vasto histórico de ações, tem como principal objetivo a proteção da ictiofauna nativa do Rio Paraíba do Sul e afluentes. Também localizado numa das ilhas a PESAGRO, possuindo convênios com esta empresa pública, desenvolve ações para a pesquisa, reprodução de peixes em cativeiros/açudes e posterior soltura nos rios.

A crescente industrialização com o conseqüente aumento do contingente populacional urbano, somada ao avanço tecnológico, resultam na ocupação inadequada do solo, trazendo conseqüências à área de preservação dos rios. A ocupação inadequada dos cursos d'água acarreta como principais resultados o inclemente processo de erosão, o assoreamento dos rios, as prolongadas estiagens, a deterioração da qualidade da água e a redução da biodiversidade aquática e terrestre local. O Projeto

de “natureza” e “tranquilidade” (...), pequenos (ou nem tão pequenos) empreendedores em ramos como o turismo, o comércio, a confecção, e assim por diante. Encontro, por vezes, sinérgico, por vezes, tenso e conflituoso, por vezes, até mesmo festivo, com a espetacularização de uma “tradição rural” que pouco tem a ver com o cotidiano atual dos moradores...” (p. 11-12). Assim, as chamadas “ruralidades contemporâneas” surgem como uma ferramenta para pensar este complexo processo, seus diferentes arranjos e contextos dentro da enorme diversidade do rural brasileiro.

⁴ Disponível em: http://www.pesagro.rj.gov.br/not14_jun15.html. consultado em 10 de agosto de 2021.

Piabanha procura atuar esses efeitos e, nesse sentido, contribuir para a biodiversidade, a educação ambiental (com todo um ordenamento didático para receber grupos), a sustentabilidade, e o maior conhecimento das populações ribeirinhas.

Assim, a Pedagogia da Alternância propiciou essas ricas vivências em que, coletivamente, nos aproximamos de descobertas, conteúdos, problemas (sociais, ambientais e de diversos matizes), anseios, percepções, etc. Todos relacionados à natureza, aos destinos de uma educação para a sustentabilidade, ao respeito e valorização destas experiências trazidas pelos projetos, pelas andanças longe da universidade, que exigiu todo um preparo, inclusive sobre o uso de vestimentas adequadas, protetores solares, chapéus, etc. (fomos alertados para isto). Desse saber de experiência (LARROSA, 2002) veio a aposta na educação ambiental e em visitar novos ‘*espaçostempos*’ de formação, encarando os alunos (as) como docentes em formação (ALVES, 2008), futuros ‘*professorespesquisadores*’ (ESTEBAN; ZACCUR, 2002), imersos em saberes, pesquisas, sobre/com os múltiplos sujeitos e territórios rurais, as condições da flora e da fauna nativas, as produções no campo (e seus necessários manejos), e suas relações com as pequenas urbanidades, os povoados e as cidades do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: águas em curso

Desaguando em algumas possibilidades de encerrar o artigo e convidando os leitores para outras conversas trouxemos para o centro desta narrativa o trabalho do Tempo Comunidade, procurando contar alguns percursos profissionais/docentes. Aqui, neste artigo, contamos uma pequena história, pois quase invisíveis são muitas delas e quase não couberam nos limites deste texto e de sua abordagem. Destacamos, a título de considerações finais, dentro do possível, que houve o registro em relatórios individuais e exposições orais dos alunos nos seminários integrados que acontecem após cada Tempo Comunidade e que são vitais para as avaliações semestrais. Para estes seminários são criados vários artefatos, vídeos, fotos, trabalhos escritos (alguns dos quais depois se desdobram em trabalhos de conclusão de curso, os chamados TCC), entre outros. São/foram, portanto, experiências curriculares que buscam fugir de um lugar comum, instaurando novas possibilidades, o inusitado, o múltiplo, dentro dos cotidianos escolares (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018).

Assim, carregamos conosco muitas memórias, e o filme, “Caminho do Mar”, foi um grande acontecimento, pois trouxe inspiração, valorização de nossas ações e vários desdobramentos na vida universitária. Além disso, possibilitou a cineconversa que inspirou este artigo e as tantas tramas nas/das redes educativas que o compõe. O filme foi o fio condutor de algumas lembranças e práticas. Sem ele, a tessitura desse texto seria diversa, sem dúvida. Por isso, o cinema é tão significativo em nossa metodologia de pesquisa e em nossas práticas educativas. É preciso considerar ainda que a oferta de filmes em circuitos comerciais e na grande mídia, na maioria das vezes não favorece a circulação de um cinema mais conectado com as questões sociais. Nesse sentido, o uso do cinema na educação pode favorecer também a formação de público e de realizadores, em tempos em que as possibilidades de se realizar audiovisuais estão mais democratizadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In. OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** - sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13/06/2021.

BANDEIRA, Manuel de. **Estrela da vida inteira**. 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**, Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 19ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992b.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwirges (orgs.). **Professora-pesquisadora, uma práxis em construção**, Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria Conceição; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos dias com os cotidianos em Educação**, Rio de Janeiro, EDuerj, 2018.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História oral de vida**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência, **Revista Brasileira de Educação**, publicação da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19. Fonte:

MOURA, Fernando. **Trilhas Sonoras, entre o mundo encantado e a vida real**. Rio de Janeiro. Editora Música & Tecnologia, 2017.

TEIXEIRA, E. et al. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008. Disponível em: www.anped.or.br/rbe/rbe/rbe.htm. Acesso em: 10/02/2012



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).